

Empresas | Indústria

Petróleo Fracasso de licitação no México, regras de conteúdo local e risco ambiental ameaçam 13ª Rodada Petroleiras adotam cautela para leilão

Rodrigo Polito
Do Rio

Além da queda do preço do petróleo, uma combinação de fatores coloca em risco o sucesso da 13ª Rodada de Licitações da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), com a qual o governo espera arrecadar mais de R\$ 2 bilhões em bônus de assinatura. Segundo especialistas ouvidos pelo Valor, as empresas do setor demonstram interesse no leilão, marcado para 7 de outubro, mas podem adotar uma postura de cautela na licitação.

Entre os principais fatores que ameaçam o sucesso do leilão, estão o fraco resultado da licitação de blocos offshore (marítimos) no México, na última semana, o evidente descontentamento das petroleiras com as regras atuais de conteúdo local, a demora na emissão de licenças ambientais para atividades em áreas já licitadas e a rodada paralela de venda de ativos de produção da Petrobras.

"Existe um risco de a 13ª Rodada não ser tão bem sucedida quanto se gostaria. O preço do petróleo já está baixo, o que faz o olhar para o portfólio de ativos de exploração e produção ser feito com muito carinho. Além disso, há o risco real de o frã entrar no mercado [petrolífero] de forma mais forte [com a retirada de sanções impostas pelos Estados Unidos, após a assinatura do acordo nuclear], o que torna as

empresas mais cautelosas nesse movimento de portfólio", diz José de Sá, sócio da consultoria Bain & Company na área de petróleo.

"O fato de o leilão do México ter sido mal sucedido é ruim para o Brasil, pois mostra que o setor offshore não está tão atrativo no momento", explicou o advogado Giovanni Loss, sócio responsável pela área de petróleo e gás natural do escritório Mattos Filho, que assessorava uma petroleira asiática e duas europeias para a 13ª Rodada.

Na licitação mexicana, apenas dois dos 14 blocos ofertados foram arrematados. O governo daquele país esperava uma taxa de sucesso de pelo menos 30% na conclusão dos blocos. Participaram do leilão nove companhias.

Mas o principal fator crítico para a 13ª Rodada continua sendo a regra atual de conteúdo local. As empresas, por meio do Instituto Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (IBP), apoiam a existência de uma política de conteúdo local, mas defendem que o índice de nacionalização de bens e serviços seja retirado da composição da oferta dos blocos no leilão.

"Existem questões nesse leilão que ainda não conseguimos resolver. São questões que, do ponto de vista do investidor, seria um sinal importante para mudar a percepção de falta de atratividade. Não faz sentido haver competição do índice de conteúdo local"

cal", explicou Antônio Guimarães, secretário executivo de Exploração e Produção do IBP.

Existia uma esperança de que a 13ª Rodada trouxesse uma evolução principalmente nas regras de conteúdo local. Poderíamos aproveitar o fato de o México não ter crescido no portfólio das empresas, mas vamos insistir em uma política de conteúdo local que continue a aumentar a percepção de risco das empresas sobre nossos ativos petrolíferos", acrescentou Sá.

Também desperta preocupação entre as empresas a demora na emissão das licenças ambientais para atividades em blocos exploratórios concedidos nos leilões anteriores. Segundo especialistas, a ANP, de forma geral, não tem sido sensível ao problema e considera que a demora na obtenção dos documentos é um risco do concessionário.

Sobre o plano de venda de ativos da Petrobras, que inclui a negociação de blocos, o mercado avalia que trata-se de um tipo de negócio diferente do leilão da ANP, pois envolve áreas com menos risco exploratório. Para Loss, porém, o problema é que a oferta da estatal demandará atenção das equipes de "novos negócios" das outras petroleiras, que também são responsáveis pelos estudos dos blocos exploratórios da 13ª Rodada (ver *caixa abaixo*).

Além disso, um papel mais tímido da Petrobras, tradicional pro-

tagonista dos leilões da ANP, já é um risco de insucesso para a 13ª Rodada. Durante a apresentação do novo plano de negócios, em junho, o presidente da estatal, Aldemir Bendine, contou que a empresa analisaria as áreas, mas admitiu que não está previsto no fluxo de caixa a participação no leilão.

"Não temos dificuldade em participar. O que precisamos ver é a relação 'custo x benefício'. Recursos do caixa que estariam previstos para acelerar o abatimento da dívida não estariam computados nessa situação [do leilão]", disse Bendine, na ocasião.

Com uma visão mais otimista, o advogado especializado no setor Luiz Cezar Quintans, do escritório Quintans e Senana Advogados, avalia que o Brasil tem um portfólio diferente e mais atrativo do que o México. Para ele, o risco fundamental para o sucesso da 13ª Rodada é de fato o preço do petróleo.

Diante do cenário mais pessimista, especialistas defendem que a ANP reduza o valor dos bônus e flexibilize as regras de conteúdo local no edital, que será publicado em 3 de agosto. A opinião no mercado, porém, é de que a agência não fará essas mudanças. A 13ª Rodada ofertará 266 blocos em dez bacias sedimentares. Até a última semana, 17 empresas, de oito países, haviam manifestado interesse na rodada, segundo a diretoria-geral da ANP, Magda Chambrind. (Colaboração André Ramalho)



Guimarães, do IBP: "Não faz sentido ter competição por índice de conteúdo local"

Dólar torna ativos da Petrobras atraentes

Cenário

Claudia Schifffner
Do Rio

Com a enorme variedade de negócios que estão se abrindo com a decisão da Petrobras de vender ativos para se desalavancar, o Brasil pode ter fluxo importante de divisas entrando em prazo ainda não determinado, trazidas por investidores que comprarem os negócios. Segundo fonte do Valor, há muitos interessados nesse ativos.

Estão à venda participações na Gaspetro, Líquidigás, Transpetro, Transportadora Associada de Gásodutos (TAG), campos em fase de exploração e ou produção no mar e em terra, no Brasil e exterior. Uma variedade de negócios que animou o pessoal dos bancos contratados pela estatal e especialistas em fusões e aquisições. Isso para não falar nos escritórios de advocacia que vão ter de dar suporte jurídico para essas transações.

Um dos fatores que ajuda é o fato de restar mais barato em relação ao dólar, o que significa que as empresas brasileiras estão com valores atraentes para quem está à procura de bons investimentos.

Não que os problemas tenham desaparecido. O Brasil ainda carece de uma política industrial que permita calcular com clareza o futuro. Na vizinha Argentina, há uma percepção de melhora da política de preços dos combustíveis, depois de um longo período de um insustentável controle, e isso melhora a percepção sobre a estatal YPF.

Como ressaltou recentemente o Credit Suisse, há uma enorme vontade de se acreditar que a Argentina pode sofrer uma significativa redução do risco, recuperar o acesso aos mercados internacionais e começar a enfrentar seus problemas econômicos após um novo mandato presidencial. E a estatal YPF, segundo o banco, "está singularmente posicionada para se beneficiar de todos esses temas: não só é a empresa que lidera o desenvolvimento de recursos não convencionais [na bacia de Vaca Muerta] mas também é um dos veículos de investimento de maior liquidez para os investidores interessados em se expor à Argentina".

Aqui, um exemplo de incerteza são as dívidas expressadas por analistas quanto ao tratamento que será dado às vendas de combustível para as térmicas

da Eletrobras que operam na região Norte. Existe um gigantesco risco de colapso que será especificado na venda da BR Distribuidora.

O conselho de administração da Petrobras se reúne hoje. Deve ser levado o nome das empresas interessadas em comprar 49% da Gaspetro. A reestruturação da companhia também voltará a ser discutida, uma tarefa árdua que tem pela frente desafios que envolvem, inclusive, o afastamento de apadrinhados políticos em várias esferas.

Um reatualizado ocorre no dia em que sindicatos dos petroleiros organizam uma greve para protestar contra a venda de ativos e a favor da manutenção da exclusividade da Petrobras como operadora do pré-sal, que aliás depende do Congresso e não dos administradores da empresa. Por trás do movimento está o temor de demissões de terceirizados e da perda de privilégios. A poderosa Federação Única dos Petroleiros (FUP) diz que vai lutar contra qualquer retrocesso envolvendo direitos adquiridos nos últimos 12 anos, enquanto a nova administração chama a atenção para o fato de os petroleiros terem tido aumento real de 4% nos salários nos últimos 10 anos.

Conselho avalia nova estrutura da estatal

Claudia Schifffner, Rodrigo Polito, André Ramalho e Fabio Pupo
Do Rio e de Brasília

O conselho de administração da Petrobras voltará a discutir hoje o plano de reestruturação da estatal, que inclui mudanças na gestão e nas gerências, assim como o corte de funcionários terceirizados. A petroleira contratou a consultoria Bain & Company para assessorá-la na reestruturação.

Algumas propostas foram apresentadas, de forma preliminar, na última reunião do colegiado, no mês passado. Entre elas estavam a criação de vice-presidências, a exemplo da estrutura do Banco do Brasil (BB), de onde veio o atual presidente da Petrobras, Aldemir Bendine. O banco tem nove vice-presidências e 27 diretorias.

Na ocasião, apenas as principais linhas do documento, que prevê a revisão da governança e reorganização da companhia, foram apresentadas. O conselho pediu esclarecimentos.

Outro assunto na pauta é a reestruturação da Transportadora Associada de Gás (TAG), subsidiária que controla a malha de gasodutos da estatal. A inclusão na pauta

foi confirmada por Deyvid Baelecar, representante dos funcionários da companhia no conselho. Em seu blog, Baelecar mencionou, entre os pontos a serem apreciados hoje, o regimento interno dos comitês; a renovação do registro da Petrobras na agência reguladora do mercado financeiro dos Estados Unidos, a Securities and Exchange Commission (SEC); e a TAG.

Também será discutida a forma de atuação dos cinco comitês de assessoramento (estratégico; financeiro; auditoria; segurança, meio ambiente e saúde; e remuneração e sucessão). Os comitês serão acompanhados pelos suplentes dos conselheiros.

Quanto à TAG, a Petrobras estuda a divisão em duas empresas, como informou o Valor. A proposta, inspirada no modelo argentino de privatização do setor de gás natural, é criar uma companhia que concentre os dutos do Sul e do Sudeste e outra com a infraestrutura do Norte e Nordeste, para em seguida oferecer os ativos ao mercado.

Segundo fontes, a estatal ainda não colocou o ativo em negociação, mas tem avaliado dois modelos diferentes de venda de

suá participação: um deles seria vender uma fatia de 49% e outro uma participação de 81%.

Pelos cálculos da consultoria NatGas, levando em conta a evolução do fluxo de caixa da companhia e o aumento do volume transportado ao longo dos próximos 15 anos, a Petrobras poderia arrecadar de US\$ 3,04 bilhões a US\$ 4,16 bilhões na operação. O banco J.P. Morgan calcula que o valor da TAG chega a US\$ 8 bilhões. Já o Bank of America Merrill Lynch calcula que o valor integral da empresa seja da ordem de US\$ 13,1 bilhões.

A venda da TAG será acompanhada de perto pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy. "Do ponto de vista regulatório, você pode fazer com que essa venda de ativos possa criar novas oportunidades de investimento", disse Levy, sem mencionar a empresa. "Todo mundo sabe que a eventual venda da malha dos dutos de gás e óleo pode, como nos Estados Unidos e em outros países, criar uma enorme capacidade de investimentos em volta dos dutos se o acesso a esses dutos for facilitado. Tem um potencial de alavancagem do PIB extraordinária se você facilitar o acesso aos dutos de óleo e gás."

Fibria prevê atingir melhor julho de sua história em termos de vendas

Celulose e papel

Stella Fontes
De São Paulo

Maior produtora mundial de celulose de eucalipto, a Fibria planeja registrar o melhor mês de julho em vendas de sua história, disse ontem o diretor comercial e de logística internacional da companhia, Henri Philippe Van Keer. No segundo trimestre, a Fibria teve resultado operacional recorde, beneficiado pela demanda consistente por celulose de eucalipto nos três mercados globais de referência, pela elevação dos preços e pelo câmbio favorável às exportações.

Conforme o executivo, o aumento de preços de US\$ 20 para a celulose de eucalipto anunciado para junho foi implementado e as cotações se mantiveram neste mês, refletindo o bom momento do mercado. "O mês de julho está indo muito bem e pode ser o melhor desde a criação da companhia."

O diretor comercial disse ainda que, embora a imprensa especializada tenha notificado que há pressão sobre os preços da celulose na Ásia, a Fibria não percebe "fraqueza na fibra de eucalipto". "Não vemos redução de volume se revolvos na Ásia ou em outro mercado", afirmou, acrescentando que a companhia, até o dia 15 deste mês, "fechou todos os negócios dentro do esperado em preços e volume".

"A situação está muito boa e isso sem contar com a possível parada da maior linha [da Ásia Symbol] em Rizhao", ressaltou. A produtora chinesa de celulose de fibra curta e papel está prestes a suspender a produção da matéria-prima em uma linha com capacidade de 1,5 milhão a 1,8 milhão de toneladas por ano instalada em Rizhao, por causa da seca que afeta a província de Shandong, reduzindo a oferta de fibra curta no mercado.

Na Europa, explicou o diretor da Fibria, há inércia um pouco maior na aplicação de reajustes,

mas na maioria dos contratos o preço da matéria-prima vendida pela companhia já chegou aos US\$ 810 por tonelada.

Para o presidente da companhia, Marcelo Castelli, a combinação de desempenho operacional, valorização do dólar e fundamentos de mercado sólidos garantiram resultado recorde no segundo trimestre. De abril a junho, o resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado alcançou R\$ 1,157 bilhão, com alta de 95% na comparação anual.

"O cenário foi de forte demanda por celulose de eucalipto em todos os mercados, com aumento de capacidade [de produção] de papel na Ásia e bom momento para o papel de imprimir e escrever na Europa", afirmou. A companhia registrou ainda o menor nível de endividamento líquido de US\$ 2,642 bilhões ou R\$ 8,197 bilhões, e a menor alavancagem financeira (medida pela relação entre dívida líquida e Ebitda), de

1,95 vez em dólar, de sua história.

O lucro líquido de R\$ 614 milhões da Fibria no segundo trimestre foi beneficiado pelo desempenho operacional e pelo resultado financeiro líquido positivo de R\$ 321 milhões, influenciado pelo impacto do câmbio na parcela da dívida que está denominada em dólar. Na comparação anual, porém, o resultado final foi 2,88% inferior.

Conforme Castelli, a Fibria já fechou a contratação de uma série de pacotes referentes ao projeto de expansão da fábrica de Três Lagoas (MS), aprovado pelo conselho de administração e com investimento de US\$ 2,5 bilhões. Na semana que vem, companhia deve definir os principais pacotes de processos, como pátio de madeira, linha de fibra, máquinas de secagem e ilha de recuperação química, entre outros. Conforme o executivo, essa etapa correspondê a mais importante e engloba "uma grande soma do total dos investimentos".

Klabin amplia investimentos

De São Paulo

Diante da execução do Projeto Puma, que engloba a construção de uma fábrica de celulose no município de Ortigueira (PR), os investimentos da Klabin no segundo trimestre alcançaram R\$ 1,15 bilhão, totalizando R\$ 2,15 bilhões no primeiro semestre de 2015.

Do total investido no trimestre, R\$ 1,009 bilhão foi destinado ao projeto, que entrará em operação no início de 2016. Conforme a Klabin, as obras da fábrica, que terá capacidade para 1,5 milhão de toneladas de celulose, estão dentro do prazo e, até junho, contavam com avanço de 75%.

Em abril, foi executada também a reforma da máquina papel de Piracicaba (SP), que adicionará 15 mil toneladas anuais de papel reciclado. "Com este aumento de capacidade, antes do início de operações do Projeto Puma, a Klabin chega à capacidade nominal de produção de 2 milhões de toneladas por ano, reforçando sua posição no setor de papéis para embalagens em diferentes regiões do país", informou.

A empresa registrou lucro líquido de R\$ 295,6 milhões no segundo trimestre, alta de 21% na com-

paração anual. O resultado foi beneficiado pela melhora do desempenho operacional e melhor resultado financeiro líquido, que ficou positivo em R\$ 201,46 milhões.

A receita líquida cresceu 16% no trimestre, para R\$ 1,338 bilhão, puxada por maior volume de vendas de papéis e toras de madeira e pela desvalorização do real.

Diante do enfraquecimento da atividade econômica no país e do câmbio, a empresa ampliou as vendas externas. "Assim, o volume de vendas no mercado interno permaneceu estável na comparação com o segundo trimestre do ano passado, enquanto o volume de exportações cresceu 13%, passando a representar 32% das vendas totais versus 29% no mesmo período de 2014", informou.

O resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado subiu 17%, para R\$ 391 milhões e a margem Ebitda ajustado ficou estável em 29%. O volume total vendido pela companhia, sem incluir madeira, foi de 435 mil toneladas, com alta de 4% na comparação anual.

Ao fim do segundo trimestre, a dívida líquida estava em R\$ 8,144 bilhões, 9% acima do endividamento registrado em março. (SF)